

A chegada à América: nomes, relatos e imagens

Abertura

*E*ntendeu ainda que, mais além, havia homens com um olho só, e outros com focinho de cão.

Quem entendeu tais prodígios foi o “almirante”. Era assim que **Cristóvão Colombo** chamava a si próprio. A frase foi tirada das anotações feitas por ele em seu diário, no dia 4 de novembro de 1492. Colombo “viu” coisas ainda mais extraordinárias naquela terra desconhecida, à qual chegara no dia 12 de outubro. Viu sereias, amazonas, homens com cauda... Tudo registrado em detalhes nos seus muitos escritos – pois, além do diário, Colombo escreveu cartas a amigos navegadores e enviou longos relatórios aos reis da Espanha, que patrocinaram sua viagem.

Você pode até achar que se tratava de uma imaginação muito fértil. Mas... pense um pouco. Os europeus sempre souberam da existência da África e das Índias. Mas a América, para eles, só poderia mesmo existir na imaginação. A chegada de Colombo à América foi, sem dúvida, **o encontro mais surpreendente da nossa História.**

Nesta aula vamos falar de Cristóvão Colombo, que era navegador de Gênova, e da **Espanha**, país que financiou os seus projetos de chegada às Índias. Levaremos você a viajar com o genovês e a conhecer as dificuldades da viagem. Depois da viagem, a chegada – a surpresa, o encantamento, **a vontade de conhecer e de contar o que havia na “nova” terra.**

Finalmente, descobriremos o “velho” mundo que era a América, e suas antigas civilizações: os **incas**, os **maias** e os **astecas**.

Movimento

A viagem

Quem era Cristóvão Colombo?

Em 1992, por ocasião da comemoração dos 500 anos do “descobrimento” da América, apareceram vários filmes e livros contando a história do “descobridor”. Talvez você já tenha visto um desses filmes, ou lido algum livro sobre o assunto. Vamos, então, resumir essa história.

Colombo nasceu na cidade italiana de Gênova – que, como você viu na aula anterior, era um dos mais importantes centros de comércio com o mundo oriental. Desde pequeno, Colombo ouvira falar de **Marco Polo**, comerciante de Veneza que durante longos anos percorrera o império chinês, mantendo contatos com o imperador, o Grande Can. Chegar ao Extremo Oriente –

as famosas **Índias** – por um novo caminho tornou-se o grande sonho do jovem Colombo.

Conhecer novas terras, contar as **aventuras** vividas nas longas viagens eram fortes incentivos para os navegadores do século XV. Mas não era só isso. Volte à aula anterior e veja que outros interesses igualmente atraíam os europeus para regiões distantes.

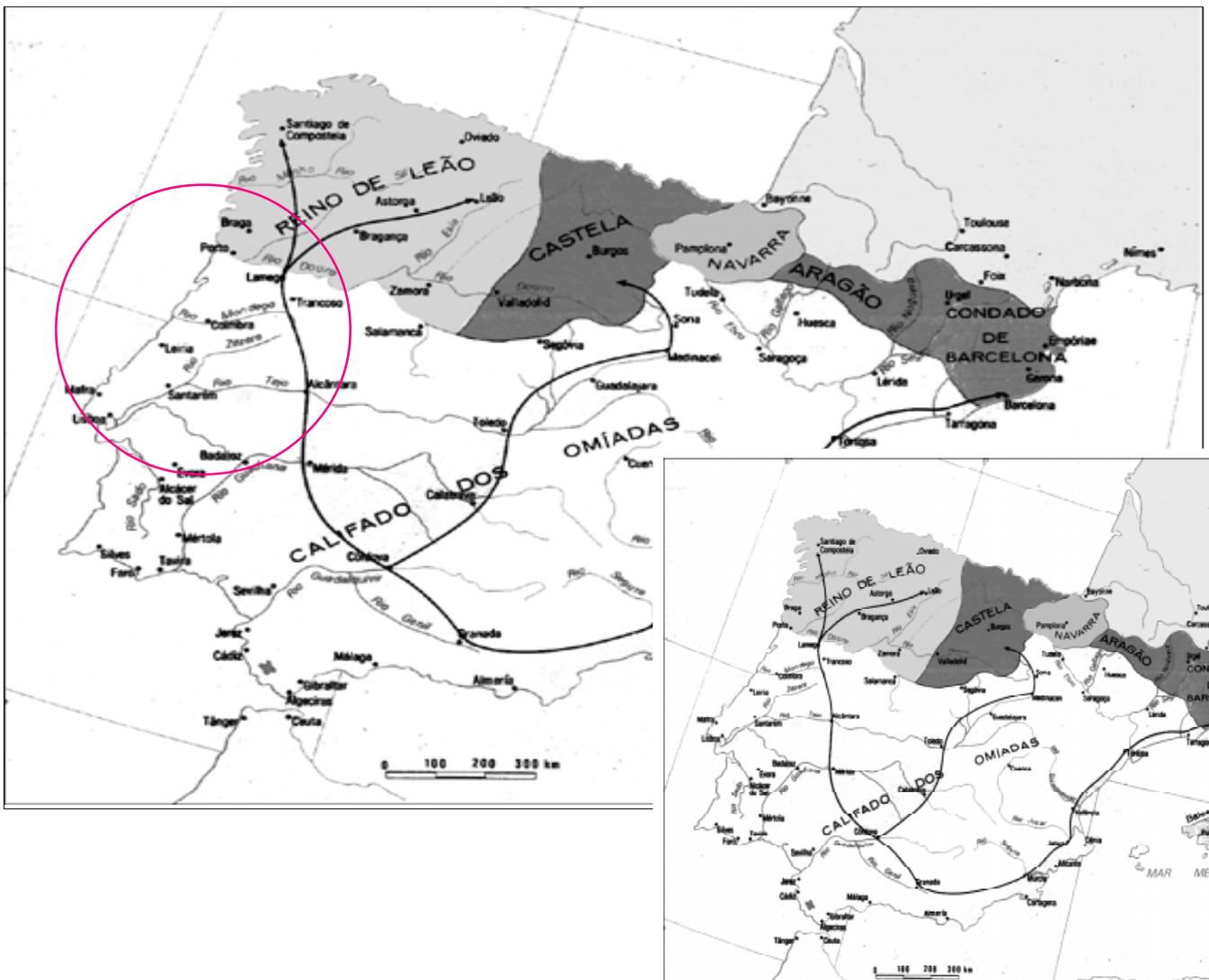
Colombo não era diferente. Ele também ambicionava o **ouro** e acreditava na **expansão da fé cristã** em terras pagãs – que não conheciam a palavra de Deus – ou em terras habitadas por infiéis, como os muçulmanos.

É possível que você já esteja se perguntando por que Colombo não conseguiu apoio financeiro para a sua viagem na própria Gênova, que era um importante centro de navegação e de comércio. Pense um pouco no que falamos sobre Gênova na aula anterior. Será que interessaria aos comerciantes genoveses investir no projeto de Colombo de encontrar um novo caminho para as Índias? Lembre-se: junto com os comerciantes de Veneza, os genoveses já controlavam a rota das especiarias.

Além do desinteresse, havia também a desconfiança de que as idéias de Colombo estivessem erradas. Partindo da crença de que o mundo era redondo – naquela época, não se tinha certeza da forma da Terra –, Colombo acreditava que poderia chegar ao Oriente navegando em direção ao Ocidente. Difícil entender? Imagine para os genoveses!

Uma outra pergunta deve estar martelando a sua cabeça: por que a Coroa espanhola resolveu financiar Colombo, permitindo que ele pusesse em prática seu projeto? Para responder a essa questão é preciso entender a situação da Espanha no século XV. Observe, abaixo, o mapa da Espanha. Note que, ao lado de vários reinos cristãos, havia, no sul, uma área dominada pelos mouros.

O mapa maior mostra a presença dos muçulmanos na Europa cristã. No círculo, a divisão da península Ibérica entre muçulmanos e cristãos. O mapa menor mostra, ao norte, os reinos cristãos na península Ibérica. As rotas representam as campanhas de conquista dos muçulmanos nos séculos IX e X.



Aragão e Castela eram regiões prósperas, pois possuíam cidades portuárias onde se desenvolviam atividades marítimas e comerciais. No litoral atlântico da África, os castelhanos conquistaram as ilhas Canárias, em aberta concorrência com os portugueses. O casamento de Fernão (príncipe de Aragão) com Isabel (princesa de Castela), em 1469, e a expulsão dos mouros de Granada, em 1492, deram aos espanhóis a unificação política necessária à expansão marítima.

Depois de muita dúvida e incerteza, com poucos recursos e sem um projeto definido, a Coroa espanhola acabou patrocinando a esquadra de Colombo, que partiu do porto de Palos em agosto de 1492. Os objetivos dos espanhóis eram semelhantes aos dos portugueses: descobrir novas rotas de comércio, explorar terras ricas em ouro, expandir a fé cristã e viver aventuras. Na cabeça de todos, o sonho de encontrar o **paraíso na terra**.

Pausa

Vamos prosseguir na comparação entre a expansão marítima portuguesa e a espanhola.

Você já comparou os dois planos de viagem e percebeu que eram bem diferentes. Outras diferenças, ligadas à situação interna dos dois países, marcaram os dois processos de expansão marítima.

Mas você deve ter notado, também, que havia semelhanças entre eles.

Releia o texto e faça um breve levantamento dessas semelhanças e diferenças.

Enfrentar os oceanos era uma tarefa arriscada. É certo que os novos conhecimentos, os mapas, as cartas de navegação, os instrumentos de orientação (como a bússola e o astrolábio) e as caravelas, principalmente, trouxeram maior segurança às longas viagens. Tempestades, ondas, correntes marítimas e ventos contrários eram grandes perigos. Mas o maior deles era a duração da viagem, meses a fio sem ver terra.

Em tempo

Segundo os historiadores Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo (*No tempo das caravelas*, p. 66-67), em cada caravela comprimiam-se, durante meses, entre 40 e 60 homens, mais os animais destinados à alimentação: perus, patos, carneiros e porcos, vivos, para serem abatidos na viagem. E ainda barris de água (pegavam água da chuva), ferramentas, estoques de madeira, bóias, lampiões, varas de pescar...

A disciplina era severa, e motins contra o comandante poderiam ser punidos com a morte. A tripulação, toda masculina, era composta de marinheiros experientes e jovens aprendizes, grumetes de até 12 anos de idade. Além dos marinheiros, viajavam também padres, funcionários reais, comerciantes, escrivães, médicos e aventureiros em busca de uma nova vida.

As condições de vida nas caravelas eram muito difíceis: pouca comida e pouca água, falta de higiene, doenças e morte. Ia-se para o mar em busca de riquezas e aventuras, e também porque a vida na terra não era muito melhor.

Foi com a promessa de ouro que Colombo acalmou os marinheiros em momentos difíceis da longa viagem, de agosto a outubro. Em seus diários, o almirante deixou registrado o seguinte:

(...) neste dia, eles perderam completamente de vista a terra. Temendo não tornar a vê-la por muito tempo, muitos suspiravam e choravam. O almirante reconfortou a todos com grandes promessas de muitas terras e riquezas, para que eles conservassem a esperança e perdessem o medo que tinham de um caminho tão longo. Os homens não agüentavam mais.

A viagem foi longa e difícil. Mas a chegada a uma pequena ilha do Caribe, no dia 12 de outubro, foi marcada por encantamento e surpresa diante de um mundo totalmente desconhecido.

O Novo Mundo

Imagine, por um momento, que você é um marinheiro espanhol e, depois de três meses de viagem, chegou a essa terra desconhecida. Como você descreveria as novas coisas e as novas pessoas que aí encontrou, e que nunca vira antes? Que palavras e imagens você usaria para retratá-las? Nós estamos tão acostumados a ouvir falar da América e dos índios que nem paramos para pensar que, em 1492, não havia nem América e nem índios.

Os espanhóis acabavam de chegar a um grande continente, habitado de norte a sul por vários povos profundamente diferentes – aliás, como é natural em qualquer outra região do mundo. Lembre-se de que, nessa mesma época, a Europa era igualmente habitada por povos diferentes, em diferentes etapas de desenvolvimento.

Vencidos os primeiros momentos de surpresa, Colombo sentiu necessidade de escolher **nomes** para indicar tudo de novo que via diante de seus olhos. Nomear para entender e explicar, e para tomar posse também. Ao descer à primeira ilha, chamada de Guanaani pelos nativos, Colombo fez registrar, por escrito, a posse da ilha, à qual deu o nome de **San Salvador**. Era uma homenagem a Sua Majestade. As outras ilhas próximas ele chamou de Santa Maria de Concepción, Fernandina, Isabela e Juana.

E os nativos de Guanaani? Como chamá-los? Colombo chamou-os de **índios**, pois acreditava firmemente que a ilha seria parte das Índias. Colombo achava que, em breve, chegaria ao ouro e às especiarias. Mais tarde, percebeu-se que Guanaani não pertencia às Índias. Mas o nome **índios** permaneceu, para designar os nativos da América.

E o nome América?

Segundo Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo (*No tempo das caravelas*, p. 54), o primeiro mapa a registrar a palavra América foi o do cartógrafo Martin Waldseemüller (1507). Ele era fascinado pela figura e pelos escritos do navegador Américo Vespúcio, piloto da terceira viagem de Colombo à América.

Quando Waldseemüller se convenceu de que Américo Vespúcio não fora o primeiro europeu a chegar ao novo continente, mandou apagar a inscrição América do mapa. Mas era tarde demais. Colombo, que tanto buscara glória e fortuna, não conseguiu nem dar nome ao continente ao qual chegou antes dos outros navegadores europeus.

Em tempo

Além de nomear, era preciso descrever tudo o que de novo e surpreendente havia nesse mundo: a terra, a gente, a fauna, a flora. Os relatos de Colombo e de outros membros da tripulação mostram como era poderosa a crença cristã em um **paraíso terrestre**. Veja o que eles deixaram escrito sobre a América:

Toda esta terra é de montanhas muito altas e muito belas. Como as montanhas, os vales são repletos de árvores altas e frescas. Aqui os peixes são enfeitados das mais lindas cores do mundo. Há também baleias. Aqui, e por toda a ilha, as árvores são verdes e as ervas também, como no mês de abril, na Andaluzia. O canto dos passarinhos é tal que pareceria que jamais o homem desejaria partir daqui. Os bandos de papagaios escondem o Sol. É certo que a beleza destas ilhas, com seus montes e suas serras, suas águas e seus vales regados por rios caudalosos, é um espetáculo tal que nenhuma outra terra sob o sol pode parecer melhor ou mais magnífica.

A presença de índios nus, com os “belos” corpos pintados de cores fortes, era outro poderoso motivo para Colombo acreditar que havia chegado ao paraíso. Ainda mais que pareciam pacíficos e generosos.

Na falta das palavras – nativos e espanhóis falavam línguas diferentes –, foram trocados objetos. Na maioria das vezes, conta Colombo, os índios, como “bestas idiotas”, trocavam tudo o que tinham por coisas sem nenhum valor.

Pausa

Você também acha que essas trocas eram uma atitude idiota dos índios? Reflita um pouco.

Cada povo tem sua própria cultura. O que é muito valorizado numa cultura pode não ser valorizado em outra.

Pense no mundo de hoje. Repare que as diferenças culturais entre os povos ainda são muito grandes.

Escolha um exemplo de diferença cultural e conte-o em poucas linhas.

As narrativas dos espanhóis tinham ainda uma forte dose de imaginação, pois eles viam as coisas e as gentes da América não apenas com os olhos. Sereias, homens com cauda e focinho de cão, árvores com ramos diferentes saindo de um mesmo tronco, tudo isso fazia parte das lendas e fantasias que povoavam o imaginário europeu no século das navegações.

As terras desconhecidas eram o lugar do diferente, do estranho, do inesperado. Foi nos trabalhos artísticos, em geral usados como ilustrações de livros e de mapas, que essa representação fantástica da América e dos americanos apareceu mais claramente.



Urna funerária



▶ Observe com cuidado: índios com cara e corpo de europeu numa cena de canibalismo...

Os diários e as cartas de Colombo, os escritos de Américo Vespúcio sobre suas viagens à América, os desenhos e as gravuras – tudo isso teve grande repercussão na Europa, por causa da recente invenção da imprensa. Esses trabalhos, que na época conquistaram a imaginação popular, são hoje uma importante **fonte histórica** que nos permite conhecer os fatos desse passado.

Colombo realizou outras três viagens à América. Apesar disso, não chegou a conhecer as antigas e ricas civilizações que habitavam o continente.

O Velho Mundo: incas, astecas e maias

Para Colombo e sua tripulação, a América era um novo mundo. No entanto, como você sabe, o grande continente era habitado havia muitos séculos por variados povos, donos de culturas diferentes.

Três regiões foram especialmente povoadas por sociedades que apresentavam um alto grau de desenvolvimento, como mostram os templos e palácios que deixaram. Essas ruínas ainda hoje podem ser visitadas.



Pirâmide do México

No atual **México**, os **astecas** dominavam militarmente um conjunto de outros povos. Estes eram obrigados a pagar pesados impostos aos astecas, em forma de milho, feijão, cacau, algodão. Além disso, eram obrigados a ceder trabalhadores e soldados sempre que os astecas precisassem.

Os astecas possuíam um Estado organizado, com a capital na cidade de Tenochtitlán. O Estado era comandado por um imperador, e os militares e os sacerdotes tinham grande influência nele.

A maior parte da população vivia da agricultura, trabalhando em terras da comunidade – o **calpulli**. Durante quatro ou cinco meses do ano, os agricultores cuidavam da colheita, que lhes fornecia alimentos para a própria subsistência e para manter a comunidade. Tinham ainda de fornecer produtos para sustentar aqueles que se dedicavam às atividades militares e religiosas. Nos outros meses, os agricultores eram convocados para trabalhar em grandes obras – abertura de estradas, irrigação e preparação de terrenos para novas áreas de plantio, entre outras.

Uma extraordinária produção agrícola de milho, batata, mandioca e feijão possibilitou a subsistência, no império asteca, de uma população estimada em 25 milhões de pessoas. Construtores de palácios e templos que até hoje nos encantam pela beleza e grandiosidade, os astecas possuíam sólidos conhecimentos de matemática e de astronomia, além de desenvolver uma produção artística de grande valor em tecidos, cerâmica e metais preciosos.

O **império inca** se estendia da Colômbia ao Chile, ao longo da cordilheira dos Andes. Tal como o império dos astecas, o império inca era formado por vários povos, englobando perto de 15 milhões de pessoas.

Embora conhecessem a mineração, sua atividade econômica principal era a agricultura. Lá também a terra era da comunidade, de base familiar (o **ayllu**), e devia garantir a sobrevivência dos agricultores. Parte da produção era entregue como pagamento de impostos para manter o Estado (imperador, militares, funcionários) e os sacerdotes.

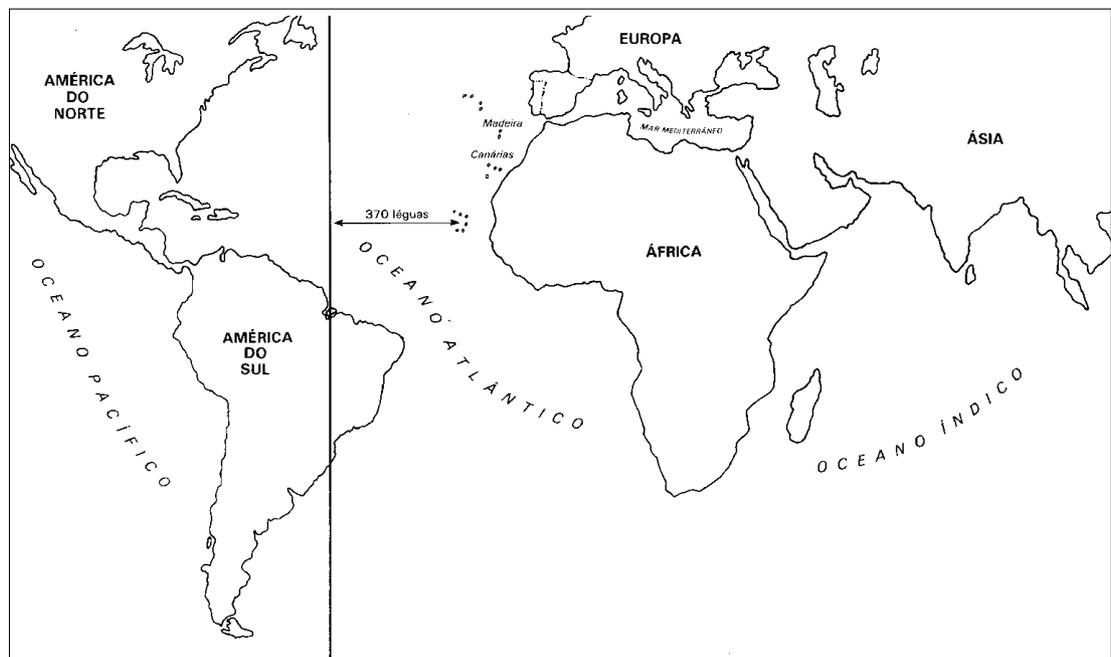
Além do trabalho na agricultura, os habitantes do império ainda se encarregavam de abrir e manter estradas e de explorar minas. Como os astecas, os incas construíram palácios e templos e deixaram tesouros de arte em objetos de prata, vasos de cerâmica e tecidos.

Ao contrário dos impérios inca e asteca, que estavam em pleno desenvolvimento por ocasião da chegada dos espanhóis, os **maias**, que habitavam o norte da América Central, encontravam-se em decadência, por causa de numerosas lutas internas.

Com uma estrutura econômica e social semelhante à dos incas e astecas, os maias possuíam um extraordinário conhecimento de matemática e de astronomia, e chegaram a desenvolver um calendário muito preciso.

Você deve estar curioso para saber como conseguimos todas essas informações sobre esses povos, já que, ao contrário de Colombo e de Vespúcio, eles não puderam deixar por escrito as suas histórias.

De fato, quase tudo o que sabemos sobre os índios americanos nos foi passado pelos europeus. E você sabe: quem conta um conto, aumenta um ponto. Ou seja – quem fala, quem escreve, é o dono da História.



As terras a oeste da linha de Tordesilhas (à esquerda, no mapa) pertenciam à Espanha. E as terras a leste (à direita, no mapa), pertenciam a Portugal.

A chegada de Colombo à América estourou como uma bomba em Portugal. Disputando a supremacia na expansão marítima, a Coroa portuguesa procurou preservar seus interesses. Depois de difíceis negociações, assinou com a Espanha, em 1494, o **Tratado de Tordesilhas**. Observe o mapa da página anterior e veja como os dois países dividiram o mundo entre si.

Resolvidas as divergências com a Espanha, os portugueses partiram para as Índias, lá chegando em 1498. A necessidade de consolidar as conquistas de Vasco da Gama fez com que Portugal preparasse, em dois anos, a maior esquadra jamais vista em toda a Europa: eram treze navios. Em março de 1500, a esquadra partiu de Lisboa. Em 22 de abril, chegou a uma parte da América que, de acordo com o tratado de Tordesilhas, já pertencia à Coroa portuguesa.

Na próxima aula, falaremos da chegada dos portugueses a uma terra americana que, mais tarde, receberia o nome de Brasil.

Exercício 1

Releia o item **A viagem** e faça um resumo das diferenças e semelhanças entre o projeto de Colombo, patrocinado pela Coroa espanhola, e o projeto português de chegar às Índias.

Exercícios

Exercício 2

No item **O Novo Mundo**, você percebeu o impacto que representou a chegada dos europeus à terra que, depois, foi chamada de América. As diferenças entre as duas culturas eram muito grandes. Depois de ler o texto com atenção, cite duas dessas diferenças.

Exercício 3

No mundo de hoje, as diferenças culturais entre os povos também são muito grandes. Escolha um exemplo de diferença cultural e conte-o em poucas linhas.

Exercício 4

Releia o item **O Velho Mundo** e discuta a afirmativa de que todos os índios eram culturalmente atrasados.

